

Voltando ao Lar, ou Por Que Sou um Professor Adventista do Sétimo Dia

Minha perspectiva sobre a história humana com sua ação e contrafação de eventos humanos, as calculadas conclusões a que cheguei, tudo que ensino, tudo que sou e tudo que faço tem sido influenciado pela minha perspectiva celeste – meu senso de ser um “peregrino” aqui, com um futuro que é literalmente “de outro mundo”.

Uma das minhas recordações mais remotas como adventista do sétimo dia aos 16 anos de idade é a de ouvir com a máxima atenção o Pr. H. M. S. Richards no rádio. E também me lembro de ouvir Del Delker cantando sobre ter saudade do Céu, sendo cansado peregrino na Terra em busca do descanso na eternidade.

Minha perspectiva sobre a história humana com sua ação e contrafação de eventos humanos, as calculadas conclusões a que cheguei, tudo que ensino, tudo que sou e tudo que faço tem sido influenciado pela minha perspectiva celeste – meu senso de ser um “peregrino” aqui, com um futuro que é literalmente “de outro mundo”.

A expressão “voltar ao lar” descreve uma perspectiva de outro mundo que inevitavelmente nos colocará fora de sincronia com o mundo ao nosso redor. Ela comunica uma perspectiva que, se colocada em prática continuamente, vai direcionar todos os aspectos de nossa vida – rumo ao Céu. Embora muitos possam zombar de tal “filosofia de disco voador”, nós como adventistas do sétimo dia acreditamos que ela é o alicerce de nosso conjunto de crenças.

Se Jesus não for o Senhor vivo, que voltará triunfante, então *não* há esperança para nós, pecadores. E a antecipação de uma eternidade sem dor ou morte, a perspectiva de ser capaz de compreender os segredos do Universo e continuar aprendendo para todo o sempre são apenas uma cruel ilusão, e nós os piores enganadores ao ensinarmos aos nossos alunos e aos membros da igreja a anteciparem a oportunidade de passar a eternidade com Ele.

Mas acerca do mesmo Jesus que inspirou as sérias, porém confortadoras, palavras “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Apoc. 2:10), os anjos declararam por ocasião de Sua ascensão que Ele voltaria outra vez da mesma forma como os discípulos O viram subir – literal e visivelmente. Por isso, pela fé na verdade da Sua promessa, nós declaramos que “voltar ao lar” é uma realidade que está prestes a ocorrer.

Em meus anos de ensino no colégio aprendi lições que são dignas de partilhar.

Warren S. Ashworth

É Prudente Ser Humilde

1. *Aprendi que é prudente ser humilde* porque há tantas respostas que eu não sei dar. Embora eu tente incentivar meus alunos a desejarem o Céu, é verdade também que “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram... o que Deus tem preparado para aqueles que O amam” (I Cor. 2:9). Ninguém pode descrevê-lo completamente. E embora eu procure tanto incentivar pesquisas honestas como oferecer respostas razoáveis e plausíveis, estou continuamente consciente da necessidade de humildade, pois eu também estou à procura da verdade. Com frequência relembro aos meus alunos a afirmação de Ellen White de que “Nenhuma doutrina verdadeira perderá coisa alguma pela investigação profunda. ... devemos ser suscetíveis de ensino, mansos e humildes de coração...”¹

A Bênção da Gratidão

2. *Aprendi também que é enorme bênção ter sempre espírito de gratidão.* Cada dia e cada situação têm seus pontos positivos e negativos. Se eu decidir me demorar nos positivos, isso conservará o fluxo das endorfinas, colocará um sorriso no meu rosto e um

cântico no meu coração. Quando eu pensar no mundo por vir – “o lar dos puros e bem-aventurados” como diz o autor do conhecido cântico, fico repleto de alegria. Embora a situação atual na qual nos encontramos esteja repleta de crueldade e caos global, a Bíblia me assegura que Deus ainda está no controle e um dia resolverá os problemas e nos levará para o lar. Por isso procuro encorajar meus alunos, pelo meu exemplo, a cultivarem um espírito de gratidão.

Os Apelos de Deus Nos Capacitam

3. Descobri ainda que *os apelos de Deus sempre nos capacitam*. Ele não tem nos convidado a segui-Lo e então nos abandonado para lutarmos sozinhos. Ele prometeu: “Eis que estou convosco todos os dias”. Que maravilhosa fonte de encorajamento e força neste mundo tão solitário e perplexo! Ele não só é o Autor mas também o Consumador da nossa fé.³ Ele completará a boa obra que em nós começou.

O Dom da Oração

4. *Continuo a descobrir o maravilhoso dom da oração* – orações de louvor bem como de intercessão. Embora algumas pessoas digam que a oração transforma apenas aquele que está orando, grandes homens e mulheres da Bíblia foram importantes intercessores em favor de outros – Daniel por seu povo exilado (Daniel 9) e Cristo por Seus discípulos (João 17).

A Hipocrisia Magoa o Coração de Deus

5. Compreendi também que *a hipocrisia é o pecado que mais magoa o coração de Deus*. Meus alunos têm o direito de ver em mim, sempre, em todo lugar e em qualquer circunstância, um reflexo fiel de Cristo. Fazer qualquer coisa diferente é correr o risco certo de ouvir o Senhor me dizer um dia: “Nunca vos conheci.”³ Conservo em minha mente a advertência de Jesus de que se eu for dúplice – professar uma coisa mas ensinar ou viver outra – melhor seria ter uma pedra de moinho pendurada ao pescoço e ser afogado na profundidade do mar.⁴ Peço a Deus que conserve em harmonia minha profissão de fé e minha vida prática.

Não Escandalizar um Irmão Mais Fraco

6. Descobri ainda que, para mim, o conselho mais veemente para o viver

cristão é a admoestação de Paulo a *não fazer coisa alguma que possa escandalizar um “irmão mais fraco”*.⁵ Quando penso nas pessoas jovens “mais fracas”, incertas, confiantes e menos preparadas que cada ano se colocam sob minha influência, reforço meu compromisso de ser fiel porque desejo que elas também vão para o Céu comigo.

Poucos anos atrás na Universidade Andrews, o capelão Pat Morrison perguntou aos alunos o que mudaria em sua vida se soubessem que Jesus voltaria e poderiam ir com Ele para o Céu dentro do próximo ano. Um respondeu: “Se eu soubesse que Jesus voltaria logo, teria de mudar muitas coisas em minha vida. Sei que agora não estou vivendo para Cristo. Eu teria de começar agir como cristão, pois o fato de saber que Jesus viria durante o ano tornaria Jesus real outra vez em minha vida. Naturalmente, se eu fosse inteligente, começaria a viver assim imediatamente.”⁶

Muitos alunos em nossos colégios e universidades sentem estar em condição semelhante. Como professores adventistas do sétimo dia que experimentaram o novo nascimento, que privilégio e responsabilidade temos de deixar que os princípios bíblicos e nossa perspectiva não deste

mundo orientem tudo o que fazemos – desde a escolha dos livros que pedimos que os alunos leiam, do ensino de História no contexto do Grande Conflito que está sendo travado, até o ensino da Ciência orientado não só pela evidência de campo mas também pela Palavra de Deus, incentivando um estilo de vida que se harmonize com os ideais bíblicos.

Como Chuck Scriven salientou em seu refletido artigo “Conviction and Truth in Adventist Education”⁷, a sociedade ocidental tem cada vez maior temor de tudo que estala como “convicção” – especialmente convicção religiosa. E qualquer pessoa que tenha a ousadia de abraçá-la é rotulada de “fundamentalista”. Jacques Barzun, professor no Columbia Union College, escreveu em 1991 que procurar em sala de aula inculcar “qualquer conjunto de virtudes pessoais, sociais ou políticas” é “doutrinação ou loucura”.⁸ E John Mearsheimer, cientista político da Universidade de Chicago, declarou em discurso aos colegas em 1997 que um dos pontos fortes de sua instituição era o fato de que ela era “uma instituição fundamentalmente amoral”.⁹

Perigos do Conhecimento sem Sabedoria

O conhecimento sem sabedoria, porém, é uma coisa perigosa. Pode levar

a uma conduta aberrante e até detestável. Salomão declara que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria”. (Gosto de pensar que sabedoria é aquela habilidade concedida por Deus de usar o conhecimento corretamente.) Por isso com frequência relembro aos meus alunos que quanto mais elevado o nível de educação da pessoa tanto mais tempo ela deve gastar na Palavra de Deus e em manter um relacionamento vivo com Cristo, caso contrário ela inevitavelmente perderá seu equilíbrio espiritual e será incapaz de aplicar corretamente o conhecimento adquirido. Como Scriven coloca: “A menos que a educação desenvolva a convicção, os alunos (e por fim, as sociedades) se desgarram para a vereda da menor resistência. Você fica com o que já pensa e sente, ou muda em direção ao que a cultura ambiental dominante pensa e sente.”¹⁰

Em um artigo intitulado “When Learned Men Murder: Essays on the Essence of Higher Education”, David Patterson relata na revista *Phi Delta Kappan* que em 20 de janeiro de 1942, 14 homens, todos oficiais nazistas, se reuniram para o que a História registra como a Conferência de Wannsee. Esses homens aperfeiçoaram uma estratégia de holocausto, um plano para eliminar os judeus da Europa. Eles não só concordaram em assassinar judeus, mas também em extrair de sua boca ouro, de seus cabelos tecido, de sua gordura sabão e de seus ossos fertilizante! E dentre esses 14 monstros, oito tinham doutorado!¹¹ Conhecimento amoral não conhece limite contra a aplicação imoral.

O Primeiro Objetivo da Educação

Por isso, “o primeiro objetivo da educação”, diz Ellen White, “é dirigir nossa mente a Sua própria revelação de Si mesmo”. E sendo que a mais importante revelação que Deus faz de Si mesmo é encontrada na Bíblia, ela declara poucas sentenças adiante: “As Escrituras Sagradas são a perfeita norma da verdade, e como tal, a elas se deve dar o mais alto lugar na educação.”¹² Como Dick Osborn afirmou em sua apresentação devocional em uma reunião sobre fé e ciência, “nós somos uma comunidade concentrada na intencionalidade do desenvolvimento da fé de nossos alunos”.¹³

Mas aí repousa um desafio tremendamente delicado. Como poderemos ajudar nossos alunos a se tornarem

“pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”,¹⁴ enquanto ao mesmo tempo estivermos conscientemente procurando desenvolver neles uma fé mais profunda em Deus e em Sua Palavra revelada?

Duvido que algum professor em nossas escolas alguma vez tenha se proposto a solapar a fé de um aluno, no entanto conheci vários jovens que perderam sua fé tanto em Deus como na igreja como resultado de sua percepção das coisas ensinadas na classe. Por isso Ellen White nos admoesta a promovermos entre nossos alunos a pesquisa da verdade “por si mesmos”, pois a alternativa, ela adverte, é que eles se tornarão “superficiais em sua vida e experiência”.¹⁵ Mas como professores possuidores de “mentalidade redentiva”, conscientes de que estamos preparando esses jovens para um lar na eternidade, às vezes, citando Osborn mais uma vez, “realizaremos em [nossa] pública inatividade temporária uma exploração pessoal da verdade que pode diferir da posição da igreja”.¹⁶

Em um editorial intitulado “O Que Torna Adventista uma Escola?”, publicado pela Associação Geral na *Journal of*

Adventist Education, Verão de 2000, Humberto Rasi especificou os fatores que nos “ajudarão a concentrar nos aspectos principais e singulares do nosso método de educação” – que Deus existe e é a fonte de todo verdadeiro conhecimento; que a Bíblia é a Palavra de Deus revelada e autorizada; que Deus veio em nosso resgate através da encarnação de Jesus Cristo; que Deus criou seres humanos como entidades que integram mente, espírito e corpo; que Deus nos criou para vivermos em relacionamento amoroso com Ele e nossos semelhantes; que a educação adventista transmite aos alunos um senso de eternidade – senso de “antecipação” para voltar ao lar. E talvez o mais importante, ele afirmou que “na Criação, Deus concedeu ao ser humano a Sua imagem divina, que inclui o direito de escolha, livre-arbítrio. Exercemos essa liberdade dentro de uma controvérsia cósmica entre o bem e o mal, a verdade e a falsidade. A verdadeira educação ensina aos alunos como tomar decisões baseadas em princípios morais coerentes e valores permanentes, a despeito das circunstâncias.”¹⁷

Dando Vida às Características Distintas

Essas são as características distintas da educação adventista. Mas para tornar uma instituição verdadeiramente adventista, esses valores e crenças precisam ser tirados da página impressa e transplantados no coração dos alunos. Isso exige a mais delicada cirurgia. Uma administração bem organizada com nítida visão do que devemos ser é algo vital ao nosso empreendimento educacional. Um staff bem treinado e dedicado também é essencial. No entanto, o papel do corpo docente é, ao meu ver, o mais indispensável na execução da “operação” em si. Deus confiou a nós professores o desafio constante de desenvolver convicção religiosa ao mesmo tempo que abrimos a mente do aluno ao crescimento. Então essas explorações levarão afinal o aluno a ser como o homem prudente mencionado por Cristo no Sermão da Montanha, o qual, quando veio a chuva, transbordaram os rios e sopraram os ventos sobre a sua casa, não a perdeu porque a casa “tinha seus alicerces na rocha”.¹⁸

Um Ministério Cordial e Genuíno

Como isso pode ser alcançado com maior eficácia? Em seu primeiro testemunho para a igreja, Ellen White escreveu em 1855 um artigo intitulado “Guardador dos Irmãos”. Sendo que ele é dirigido aos “servos do Senhor”, com certeza inclui a nós professores. Ela nos insta a “ter a verdade no coração”. Devemos obtê-la “com o calor da glória”, levá-la em nosso íntimo e “derramá-la com calor e zelo de coração”.¹⁹ Eu entendo que isso significa que aquilo que eu ensino deve se equiparar com o que eu vivo. Preciso crer naquilo de coração e alma a fim de comunicá-lo de maneira eficaz. Para ajudar a lançar “alicerces na rocha” que com êxito susterrão a superestrutura da averiguação intelectual, eu preciso ser um professor amável e interessado, cujo ministério seja cordial e genuíno, tanto dentro como fora da sala de aula.

Em sua dissertação “A Busca da Verdade e da Fé na Educação Superior Adventista”, Dick Osborn faz referência a Barbara Carson, uma professora de inglês no Rollins College, que escreveu aos alunos que haviam se formado 29 a 31 anos antes, perguntando o que eles lembravam acerca de seus professores mais eficientes. Ela descobriu que

“embora expressando apreciação pelos professores exigentes”, os alunos usavam metáforas de “religião e amor em vez de permuta de informação para lembrar seus professores preferidos três décadas depois”. Era a “atitude, relacionamento e acessibilidade do professor e não o conteúdo ensinado que eles mais lembravam”. Então ela fez esta provocante declaração: “Considerando tudo isso, até uma pessoa tão secular como eu provavelmente ficaria surpresa ao adentrar uma sala de aula e não ouvir uma voz proveniente de um quadro-negro em chamas dizendo que eu devesse tirar meus sapatos. Essa terra, com todo o seu misterioso potencial para transformar vidas, pode ser tão santa quanto é possível em nossos dias.”²⁰

A Verdade É Pessoal

Osborn também cita Parker Palmer, a quem ele identifica como “um dos principais proponentes nacionais da necessidade de espiritualidade na educação”, como havendo declarado: “Encontraremos a verdade não nos pontos precisos da nossa teologia ou em nossa lealdade organizacional, mas na qualidade de nossos relacionamentos – uns com os outros e com todo o mundo criado. ... A verdade – onde quer que ela for encontrada e seja em que forma for – é pessoal, para ser conhecida em relacionamentos pessoais. ... Relacionamentos – não fatos e razões – são a chave para a realidade.”²¹ Eu modificaria leve mas significativamente essas palavras para dizer que – encontramos a verdade não *somente* nos pontos precisos da nossa teologia... mas na qualidade de nossos relacionamentos... – e acrescentaria que – relacionamentos não são *apenas* fatos e razões, são a chave para a realidade.

Recentemente, ao encerrar uma de minhas aulas, uma jovem se aproximou de mim para contar sobre seu crescente entusiasmo acerca do que estava aprendendo sobre a Bíblia e sua decisão de ser batizada. Eu perguntei se ela havia recebido estudos bíblicos. Ela disse que um de seus professores, professor de educação artística, estivera estudando com ela. Isso para mim resume o significado de ter “a verdade no coração”, deixando que a verdade nos impulse a nos interessarmos o suficiente para tomar tempo fora da sala de aula a fim de conduzir uma pessoa à crescente alegria em Cristo através do

Como poderemos ajudar nossos alunos a se tornarem “pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”, enquanto ao mesmo tempo estivermos conscientemente procurando desenvolver neles uma fé mais profunda em Deus e em Sua Palavra revelada?

estudo da Bíblia.

No relato evangélico de Cristo expulsando os demônios de dois homens na margem oriental do Mar da Galiléia, estando Jesus pronto para partir, os que estiveram endemoninhados imploram que lhes seja permitido acompanhá-Lo. Ele lhes respondeu que em vez disso voltassem para casa e contassem que grandes coisas Jesus fizera por eles. E Lucas nos diz (Luc. 8:40) que quando Cristo voltou àquele lugar, todos estavam ansiosos para ouvi-Lo.

Faríamos bem como membros do corpo docente e do staff se fôssemos muito mais abertos para partilhar com nossos alunos que diferença Cristo tem realizado em nossa vida para que se desenvolva neles a ansiedade para conhecê-Lo. Lembro que um de meus filhos me disse, ao voltar de um ano em um pequeno colégio metodista no sul de Illinois, que ele jamais esqueceria a primeira reunião de capela que assistiu ali. O diretor do colégio falou aos alunos e com profunda e visível emoção partilhou como a graça maravilhosa de Deus o transformara e enriquecera a jornada da sua vida.

Encontro nas palavras extraídas do livro *Conselhos a Pais, Professores e Estudantes* um impressionante resumo de algo que é de suma importância: “Os professores têm a fazer por seus alunos mais que lhes comunicar conhecimento tirado de livros. Sua posição como guias e instrutores da juventude é por demais

cheia de responsabilidade, pois é-lhes dada a obra de moldar o espírito e o caráter.... O professor deve ser aquilo que deseja que seu aluno se torne.... O professor pode entender muitas coisas com relação ao universo físico; poderá ter conhecimentos quanto à estrutura da vida animal, às descobertas da ciência natural, às invenções da mecânica; não poderá, no entanto, chamar-se educado, não é apto para seu trabalho como instrutor de jovens, a menos que tenha na própria alma conhecimento de Deus e de Cristo. Não pode ser verdadeiro educador enquanto não se tornar, por sua vez, discípulo na escola de Cristo, recebendo educação do divino Instrutor.”²² Que Deus nos ajude a sermos “verdadeiros educadores”.

Warren S. Ashworth, Ph.D., professor emérito de Religião no Pacific Union College (PUC) em Angwin, Califórnia, aposentou-se do ensino em período integral em junho de 2003. Membro da Cadeira de Religião do PUC desde 1984, a especialidade do Dr.



Ashworth tem sido estudos e missão adventista, e ele lecionou uma variedade de disciplinas nessa área durante os últimos 19 anos. No início de sua carreira profissional, ele serviu como pastor em zona rural, professor de Inglês e Bíblia, e secretário departamental na Missão do Equador; secretário departamental na associação da Patagônia, e professor de Teologia no Colégio del Plata, na Argentina. Quando voltou aos Estados Unidos, lecionou na Universidade Andrews durante sete anos antes de ser transferido para o PUC. Durante seus anos no PUC, liderou viagens missionárias ao Equador, Tailândia, Honduras, Gana, Rússia e Ucrânia e no verão de 2003, dirigiu reuniões de reavivamento na Rússia e Ucrânia. O Dr. Ashworth recentemente concordou em ser o diretor de Expansão Evangelística para as Filipinas. Este artigo foi adaptado de sua resposta ao ser nomeado o Educador do Ano no PUC em 2000. A qualidade verbal da sua apresentação foi preservada.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 35.
2. Hebreus 12:2, ARA.
3. Mateus 7:23, ARA.

4. Mateus 18:6, ARA.
5. I Coríntios 8:9-13, ARA.
6. Kermit Netteburg, “Thinking of the Future”, *Adventist Review* (21 de setembro de 1995), pág. 13.
7. Chuck Scriven, “Conviction and Truth in Adventist Education”, *Ministry* (Janeiro de 2001), pág. 20.
8. Jacques Barzun, *Begin Here: The Forgotten Condition of Teaching and Learning* (Chicago: University of Chicago Press, 1991), pág. 53.
9. John J. Mearsheimer, “The Aims of Education Address”, *The University of Chicago Record* (23 de outubro de 1997), pág. 7.
10. Scriven, pág. 21.
11. Sou muito agradecido a Chuck Scriven por inúmeros *insights*, inclusive este impressionante exemplo histórico, encontrado em David Patterson, *When Learned Men Murder: Essays on the Essence of Higher Education* (Bloomington, Ind.: Phi Delta Kappa Educational Foundation, 1996).
12. Ellen G. White, *Educação*, pág. 17.
13. Richard Osborn, “The Pursuit of Truth and Faith in Adventist Higher Education”, *Conference on Science and Faith: Symposia and Workshops for Higher Education*, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 24 de julho de 1998, pág. 4.
14. Ellen G. White, *Educação*, pág. 17.
15. _____, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 33.
16. Osborn, “The Pursuit of Truth and Faith in Adventist Higher Education”, pág. 8.
17. Humberto M. Rasi, “What Makes a School Adventist?” *Journal of Adventist Education* (Verão de 2000), págs. 4 e 5.
18. Mateus 7:24 e 25, NVI.
19. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 1, pág. 113.
20. Osborn, “The Pursuit of Truth and Faith in Adventist Higher Education”, págs. 1 e 2.
21. *Ibidem*, pág. 8.
22. Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 65.

Entusiasmados...

Continuação da página 3

adventista está à altura do que há de melhor; na realidade, pode ser melhor ainda por causa das dimensões extraordinárias que a integração de fé e aprendizado e um compromisso com a excelência trazem ao processo educacional. Não temos motivos para nos envergonharmos, mas temos todos os

motivos para estar entusiasmados acerca das possibilidades. Afinal de contas, somos coobreiros com Deus.

E Deus também Se interessa em nós. Em uma de minhas histórias bíblicas preferidas, depois de seu êxito no Monte Carmel e inúmeras outras evidências do poder de Deus, Elias foge para o deserto, desmoralizado pela ameaça de morte feita por Jezabel. Ele se esquece totalmente dos atos de Deus em seu favor. Mas Deus não Se esquece de Elias. Ele o alimenta, deixa-o dormir e caminhar, alimenta-o novamente, deixa-o dormir e caminhar mais uma vez. Então, quando Elias está preparado, Deus lhe fala – não por intermédio de um redemoinho ou trovão, mas por meio de uma voz mansa e tranqüila. Até os mais comprometidos entre nós às vezes fazem essa caminhada (ou corrida) para o deserto. Mesmo quando estamos desanimados e fracassamos, Deus ainda Se interessa profundamente em nós. E ao reconhecermos a voz de Deus e deixarmos nosso deserto pessoal para ajudar outros a encontrarem seu caminho para a voz mansa e tranqüila, encontramos nossa maior recompensa.

Sim, a educação adventista tem um futuro sólido. Não porque conseguiremos fazer tudo corretamente, ou porque o processo educacional se tornará mais fácil, ou porque os alunos se tornarão menos desafiadores. A força reside no conhecimento de que Deus é um parceiro disposto e um mentor mesmo diante dos maiores desafios. Embora apenas vejamos Suas costas ao passar Ele por nós, a glória que Ele reflete é mais do que suficiente!

Andrea Luxton tem bacharelado em Teologia e mestrado e doutorado em Literatura Inglesa. Atuou como professora e mais tarde como diretora da Stanborough Secondary School, na Inglaterra; como diretora da cadeira de Inglês e Comunicação e mais tarde Diretora Geral do Newbold College, na Inglaterra; como departamental de Escola Sabatina e Ministérios da Mulher na União Britânica; e como Vice-diretora Acadêmica do Canadian University College, em Lacombe, Alberta, Canadá. Em 1º de junho de 2003 ela assumiu a posição de diretora associada do Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, servindo também como consultora departamental para a Revista de Educação Adventista.